

Publica-se nas quartas-feiras e sábados. Subscryva-se nesta typographia.

POLITICOS E LITTERARIOS.

O preço da assinatura he de 3 rs. por trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. Typ. imperial e constitucional de J. VILLANOVIA & Comp., rua d'OUVIDER N. 65.

INTERIOR.

A sessão da Camara dos Deputados do 1.º do corrente, dissipou a ultima sombra de duvida sobre as tendencias politicas dos homens, que pretendem governar o Brasil. Esta sessão foi mais importante do que se pensa; o publico n'ella colheu preciosas ideias, e esclarecimentos acerca da politica actual.

A travez da calculada reserva do Sr. Ministro da Marinha, resudou todo inteiro o pensamento do Governo. A Opposição interpellou o Ministerio na pessoa do Secretario dos Negocios da Marinha, para que francamente expoesse à Camara a marcha que tinha de seguir o novo Gabinete, e bem assim declarasse, quaes as deliberações tomadas no Conselho dos Ministros, relativamente aos tres Decretos da Administração transacta, pelos quaes foram atacadas a hum tempo, a liberdade da imprensa, a independencia judiciaria, e as garantias eleitoraes. Dirigindo tacs interpellações, a Camara estava no seo direito; antes de dar o seo voto, sobre a fixação das forças navaes, era mister que os representantes do paiz soubessem officialmente à que especie de mãos se achava confiado o deposito dos destinos publicos. Tal é a pratica dos governos representativos; e nem os Ministros dos outros paizes livres aguardam as interpellações: elles as previnem, anticipando-se com a exposição leal e verdadeira dos seus principios. Os Governos que procuram disfarçar, ou esconder seo pensamento às Camaras, são Governos de facção, e não nacionaes: todo o principio, todo o interesse, que se occulta, tem contra si as presumpções do mal. Com uma obstinação systemática o Sr. Ministro da Marinha resistio em dar as explicações pedidas pela Camara, allegando, ora que a Constituição não prescrevia esse dever ao Ministerio, ora que elle competia ao Ministro da Justiça. Mas a Opposição o serrou de perto, e n'esta sessão o Sr. Deputado Vasconcellos mostrou-se admiravel de argumentação, e tactica parlamentar. Quando se sahe do camuinho da franquesa, a marcha é fraca, penosa, e até mesmo impossivel. Que papel

triste e desagradavel representou o Governo do Brasil, naquella sessão!

Deslojado do terreno das generalidades, forçado nas reservas, e nas reticencias, obrigado à recorrer a miseraveis evasivas, e fazer confissões indignas do Governo e do paiz, sempre descoberto, sempre desarmado, sempre perseguido, sempre suplantado, o Ministro, durante alguns momentos, pareceo attrahir a piedade de toda a Casa dos Deputados. Nunca talvez se vio Governo algum sob um aspecto tão pouco lisonjeiro. Mas a responsabilidade d'esta degradação não pertence a S. Exa., pertence sim à aquelles, que embaíndo o seo patriotismo, e abusando da sua inexperiencia das cousas politicas, o collocaram na falsa e terrivel posição de apparecer diante da Camara, como o successor solidario de uma politica, que tem contra si todas as necessidades, todos os direitos, e todos os interesses. A sessão do dia 1.º, offerceou o espectáculo extraordinario de uma Camara, que pede explicações sobre as condições da existencia do Gabinete, e de um Ministro que recusa dal-as, oppondo aos argumentos os mais decisivos, uma defensiva propria à cobrir de pejo os amigos e inimigos politicos do Governo.

Si o Governo não está isolado no meio da sociedade, si ha na Camara e no paiz opiniões identicas às suas, elle devia expô-las francamente como meio de reunir em torno de si os representantes d'essas opiniões. Mas o Governo parece sentir, que essa vantagem lhe falta; elle tem a consciencia da sua fraqueza, e isolamento; sente-se a presa de um destino precario; succumbe debaixo da contradicção, que se ergue entre a sua situação, e a opinião que se faz d'elle, entre a difficuldade da missão, e a impopularidade dos meios.

As explicações do Ministro limitaram-se a enunciar, que o fim e o desejo do novo Gabinete era sustentar a Constituição, o Throno do Senhor D. Pedro II, e a integridade do Imperio, como si a declaração contraria fosse possivel, como si se possesse dar o caso de um Ministerio que viesse declarar à face do Brasil, que o seo fim era desmantelar o nosso edificio social. O carac-

ter vago d'estas explicações era o lugar de refugio para subtrahir-se às outras mais positivas, que interessam à Camara e ao Brasil.

O que importava à Camara era o conhecimento bem desenvolvido dos meios com que se pretende obter aquelle fim. A transacta Administração tambem se pretendia defensora, e defensora exclusiva da Constituição, do throno do Senhor D. Pedro II, e da integridade do Imperio, mas com meios diametralmente oppostos aos fins. Era uma singular maneira de defender a Constituição do Estado o ferir-a pela base, usurpando os poderes legislativos, dando garrote à liberdade de pensar, e annullando a independencia judiciaria e eleitoral.

O Ministerio recusou as explicações à Camara; mas o publico e a Camara comprehendem perfeitamente as significações d'aquelle silencio; elle sanciona a previsão de solidariedade com os actos do Gabinete passado. E quando mesmo isso não indicasse, a Camara não pôde subministrar a força do seo apoio a uma Administração que resiste a fazer-se conhecer. Muitos d'esses espiritos, que aguardam os resultados derradeiros para julgar os acontecimentos e os homens, lisonjeavam-se, que o novo Ministerio accellaria todas as condições do systema representativo. Esta nobre expectação deve desvanecer a vista do que acaba de passar-se nas ultimas sessões da Camara. Longe de unir-se à Camara, unico meio de força e de influencia, o Ministerio recusa com dissimulação as relações essenciaes estabelecidas pelo regimen representativo. Não só o novo Gabinete não é parlamentar, como tambem nem é solidario, nem homogeneo. Os discursos do Sr. Ministro da Marinha tenderam a combater a ideia de solidariedade entre os membros da Administração. Quanto à falta de homogeneidade, seja-nos permitido citar, entre outros, um exemplo decisivo.

O Sr. Ministro da Guerra, na Proposta apresentada à Camara dos Deputados, em 29 do mez findo, relativamente à fixação das forças de terra, declarou a necessidade do engajamento de tropas estrangeiras. Com a data do mesmo dia apparece no *Conceio Official* um officio do Sr. Ministro da Marinha, onde essa ideia de engajamento de forças estrangeiras é violentamente combatida.

Es o extracto do officio: *Tendo a experiencia mostrado o quão onerosos tenham sido a Nação os engagements feitos na Europa de estrangeiros, os quaes, além das sommas enormes despendidas com premios no acto de serem contractados, e com a sua passagem para o Brasil, ainda exigem maiores soldadas, o que todavia não tem obstado ás multiplicadas deserções, como era de esperar de gente adventicia, sem amor do paiz, nem affeições de parentesco, e conformidade de sentimentos, resultando de tudo isto a relaxação, e desordem do serviço, ou seja pela rivalidade que a differença de paga excita entre os marinheiros da mesma classe, ou seja pela repugnancia que mostram os estrangeiros de obedecer a Officiaes Brasileiros; não sendo menos attendível a consideração, não só dos inconvenientes á que a Nação se acha exposta por effeito das provocações, de que ha exemplos mui recentes, e de graves consequências para o Governo, como também da instabilidade d'esses estrangeiros, que podem abandonar o serviço para obedecerem aos Governos de que são subditos: manda o Regente em nome do Imperador, &c., &c.*

Este officio do Sr. Ministro da Marinha é um arsenal de razões, e argumentos contra a Proposta do Ministro da Guerra; S. Ex. tomou evidentemente a peito atacar as ideias do seu collega á este respeito. Aos membros da Opposição parlamentar, que se propozerem combater a Proposta, aconselhamos a leitura d'aquella peça official, onde brilha a argumentação; e abundam as provas contra os principios do Sr. Saturnino. E poderá a Camara apoiar uma similhante Administração?

LITTERATURA.

THEORIA E INFLUENCIA DOS THEATROS. — APPLICAÇÃO AOS DO RIO DE JANEIRO. — TRADUÇÕES MODERNAS FRANCÊSAS. — NOVO TOTIL.

Uma importante divisão da Litteratura é sem duvida a Poesia dramatica, verdadeira expressão do estado moral da sociedade. Si não só dos elementos da civilização predominante na Sociedade, si a religião, base da moral e dos costumes, é tão somente a apothecose das forças da natureza, e da vida terrestre, si a cultura moral do povo é a educação da natureza aperfeiçoada; então exprime a Poesia o sentimento do harmonioso accordo das faculdades humanas, apresenta o bello ideal exterior, a unidade de acção, e a ausência total de episodios. Si o Povo prepondera nos negocios publicos, o choro representa o seu papel no Theatro; torna-se juiz, e manifesta a sua opinião sobre todos

os acontecimentos, que ante nossos olhos se desenvolvem. Tal era o Theatro antigo.

Si do Monarcha emana todo o poder, si a civilização é complexa, si a religião é sublime, moral e espirital, a Musa dramatica torna-se doce, amorosa, religiosa e lyrica, como em Racine, em Calderon, em Wœrner, inspirados pelo Christianismo. Mas nem por isso se pense que o Theatro, acciando da sociedade o seu grão de moralidade, não tenha também influencia n'ella, e um echo, que repercute suas vozes entre o povo. Quantas vezes se viram povos saírem exaltados de uma representação dramatica, e pugnarem por essas ideias sublimes, que revolvem todos os nossos sentimentos, como Patria, religião e liberdade! A Muda de Portici servio de signal em Bruxellas para a Revolução Belga, e Bertrand e Raton de Scribe influio em Madrid na aclamação da Constituição de 1812. Assim pois deparamos no Theatro a influencia da Sociedade, e sua reflexão sobre a mesma.

Ao poeta pertence de direito o appropiar as creanças e mythos populares, o conhecer a acção, influencia, e systema do governo, que predomina. Triste momento para o progresso aquelle, em que elle descohecer a nobre missão de moralisar, e de submeter-se á opinião publica, em que elle renegar o culto dos sentimentos entusiastas do bello, unica fonte, d'onde possa emanar a verdadeira inspiração poetica! Triste momento aquelle, em que elle se deixar guiar por essa theoria moral, baseada sobre o interesse pessoal, que se esforça em arruinar a sublime ideia da Divindade, e da immortalidade, nobre fim á que os homens foram desde o berço destinados.

Desgraçadamente tal é presentemente o estado da nossa Litteratura dramatica. Até agora nenhuma ideia tem representado; sem influencia, sem conexão tem marchado, e esta é também a razão, porque entre nós tão pouco caso d'ella se tem feito. A Ignês de Castro de Ferreira, as comedias de Gil Vicente, e Antonio José, são as unicas obras, onde se possa encontrar um pouco da historia dos costumes e usanças do seu tempo. Hoje porém que o systema governativo, e a Sociedade se encheram de ridiculos vicios, e caíram emfim na apathia, molesta mortal das nações, nossa scenase acha inundada de más traducções, e uma pessima imitação, degradando os espiritos, tem-se apoderado das letras, e absorvido toda a originalidade, titulo o mais bello de gloria para uma nação. Tal também era o estado das letras Germanicas, no começo

do Reinado do grande Frederico, quando felizmente appareceu Lessing, e animado de um forte patriotismo, fez appello á mocidade, em quem sempre se depositam as esperanças do porvir, em quem somente existe uma força capaz de sentir aquellas nobres e juvenis palpitações, proprias ao progresso. A verdade e razão de Lessing, e a força de Frederico, reanimaram o espirito nacional, produziram Schiller e Goethe, fundadores do Theatro Alemão.

E contra essa faria de dramas bastardos, como os appellidam os Litteratos Europeos, como a Torre de Nesle, o Rei se Diverte, a Noda de Sangue &c., que levantamos também a voz, contra essa enchente de immoralidades, de crimes, de horrores, de falsidades historicas, que expulsada de França pelo bom senso Francez, e não encontrando echo em parte alguma da Europa, altivamente vêm-se estabelecer no nosso Theatro, pelos erros do Governo. E taes dramas se intitulam romanticos! O Romantismo nunca consistio n'esses absurdos e horrorosos entrecchos; elle sim nasceo na idade media no meio da effervescencia e entusiasmo Christiano, e é por excellencia religioso, nobre, e tocante, como nos seus mais bellos compositores, Shakespeare, e Olenkschlager.

O Novo Totila, ainda que já antigo, pertence á essa eschola, que é o signal evidente da decadencia das letras, ou do pequeno grão de civilização. N'ella falta toda a verdade historica. Um Rei barbaro, durante os ultimos arrancos de agonia do Imperio Romano, Chefe de um bando de salteadores, que arrasavam e saqueavam as Cidades da Italia, é apresentado como um Rei Constitucional moderno, raciocina sobre as theorias do direito publico, como B. Constant; e se adorna de vestes Indias, em vez de courassas, e armaduras de ferro. O Monarcha dá passaportes para sair-se livre de seus Estados, e viajar nos Reinos estrangeiros respeitado como seu subdito. (subdito em tal tempo, em que as Nações estavam sob os caprichos dos barbaros em que não existiam fronteiras, nem Estados, e que só a espada e a lança decidiam...) As mulheres se adornam de vestidos modernos, de brincos, cabellos arrançados á ultima moda de Paris, e sapatos com fitas, e se annunciam, battendo palmas na escaida; absurdos irrisorios e ridiculos.

Esperamos que o Sr. João Caetano, joven de talentos e de bellas esperanças, Caput da Companhia do Grande Theatro, e que parece tributar bastante amor á arte dramatica, não se arrisque á perder sua reputação, representando tão extravagantes personagens,

indignas de seu talento, e o aconselhamos a escolher, já que não apparecem dramas nacionaes, os primores d'arte dos auctores estrangeiros, e não lançar mão de taes e quejandas peças; e então poderá manifestar todo o seu vigor, estudos e conhecimentos. Não faltará Brasileiros que queiram enriquecer a nossa Litteratura, traduzindo em puro Portuguez as bellas tragedias de Schiller, Olesschlaeger, Racine e Goethe, assublimes produções de Shakespeare, os altivos dramas de Alfieri e Corneille, as deliciosas comedias de Molière, Holberg, Beaumarchais, Sheridan e Goldoni. Os auctores contemporaneos podem-nos tambem fornecer excellentes produções, como Manzoni, Delavigne, Seribe, Raupach, Knowles &c.

Esses bellos dramas podem-se traduzir muito facilmente, e representar-se com as vestes historicas, e decorações analogas, em quanto o genio Brasileiro se não elevar, e arrancar do meio das nossas legendas e chronicas sons harmoniosos; que nos encantem e instruam.

Desejariamos tambem que os nossos actores reflectissem melhor nos papeis, que devem desempenhar, e se mostrassem mais naturaes, sendo menos prodigos de gestos forçados, e de uma especie de cantilena desagradavel aos ouvidos. A natureza é a melhor mestra, que os Artistas tem, é necessario estudal-a.

P. S.

DA NECESSIDADE DE CONCERTOS DE MUSICA NO RIO DE JANEIRO.

Em todas as capitães da Europa dá-se hoje tanta importancia á musica, e tanto respeito e consideração se tributa aos grandes artistas, que esta arte divina tem adquirido uma perfeição na sua execução, de que nós nem podemos fazer uma justa ideia. Os concertos se multiplicam em Paris, salas magnificas se preparam continuamente para receber um publico que afflue em grandes enchentes, sequioso deste praser que exalta o espirito, embriaga os sentidos, e adoça os costumes. Além destes concertos, que pelo seu modico preço estão ao alcance de todas as fortunas, outras companhias se organisam, e concertos particulares, que se estabelecem nos jardins em noites de estio, e em vastos salões de casas proprias a este genero de reuniões. Desde a manhã até a noite, nas mais frequentadas ruas, passeiam companhias ambulantes de musicos; nas portas dos cafés, nos pátios dos *Hotéis*, e nas praças, se ouvem os sons dos instrumentos: os pobres, a quem não é permitido em Paris o mendigar o pão a quem passa,

servem-se de um realejo, de uma rabeca, ou de uma flauta, para excitar a piedade, e receber nma esmola. Moças e crianças cantam pelas ruas, e acompanhau suas vozes com harpas e guitarras. Em toda a Allemanha contado é aquelle, que não toca um instrumento. Na Italia todo o mundo canta. Dir-se-ia que uma febre musical se apodera de todos, e que aquellas magestosas cidades só vivem para a musica. Já não é um objecto de simples recreação e de honesto passatempo; esses povos, nossos mestres na carreira de civilisação, tuem uma grande ideia á musica, e descobrem n'ella uma salutar influencia sobre a moral e costumes publicos, que os antigos povos não desconheciam.

Ora, inutil é dizer que nada d'isto existe no Brasil. Nem um só theatro para as composições musicas, nem um só concerto publico temos. E nesta parte retrogradamos de um modo vergouhoso. Tivemos um theatro Italiano onde se executavam as operas dos mais insignes mestres; tivemos um conservatorio na Capella Imperial, onde se manifestava, e se desenvolvia o genio nacional; e já nada disto temos, e nem hoje se ouvem as bellas composições de José Mauricio, e de Marcos Portugal.

Entretanto não falta gosto nem genio á Nação Brasileira; o que falta é a vida que nos vai mingando, ou antes o excitante que o desperte. Nossos artistas, que ali jazem no esquecimento, e que em outra epocha deram tantas esperanças, por que se não reúnem, e não estabelecem um concerto publico, por um preço modico, que convida os amadores? Estamos que os resultados seriam vantajosos. Nacionaes e estrangeiros deveriam necessariamente procurar um praser tão espirital, e que agrada a todos, particularmente os estrangeiros, que affluem continuamente a esta Cidade, e que aqui nenhuma especie de distracção encontram, nem lugares de reunião; os nossos theatros lhes não podem servir, que nem todos estão familiarisados com a linguagem portugueza. A musica tem a grande vantagem de ser entendida por todos. E já é extranho que disto se não tenham lembrado. Podia-se nas bellas noites de verão, estabelecer-se um concerto no Passeio Publico, como os do Jardim Turco, e dos Campos Elísios de Paris. Quam grato não seria passar-se algumas horas debaixo daquellas mangueiras, por entre cujos ramos se enfiam os raios placidos da lua, respirando o aroma das flores, e ouvindo as doces symphonias que embalam o espirito do homem, e o eleva á sublime mo-

rada de grandes pensamentos! Que influencia não exerceria sobre nossos costumes, semelhantes estabelecimentos! Bem poute se requer para isso; e qualquer despeza que se fizesse em preparativos, seria salva pela concorrência dos espectadores.

E o que poderá impedir que esta ideia se ponha em pratica? É permitido o tentar; acaso faltará animo para isso? O amor de sua arte se não o interesse; deve reunir os Artistas para fundar um igual estabelecimento, que resista a decadencia do genio musical, e attrahia os homens pelos seus encantos á uma ideia moral e religiosa, que a musica sabe despertar. Nós temos Artistas distinctos entre nós; dêem esses o exemplo. Assim é que tudo começa; e só assim poderemos chegar a altura das Nações cultas de quem seguimos os passos.

Esperamos que as nossas reflexões achem um echo nos corações dos artistas, e que saíam da apathia em que estão sepultados, para uma empresa de tanta vantagem para civilisação, de gloria para o paiz, e de lustre para a arte.

M.

ENSAIO SOBRE O FABRICO DO ASSUCAR PELO SR. M. CALMON DU PIN.

Em todos os tempos a Agricultura mereceu entre nós a attenção dos homens interessados e zelosos da prosperidade e ventura nacional.

Dutrône e Caseux foram os Mestres da cultura da cana e fabrico do assucar mesmo de beterraba, por tanto a traducção do primeiro devia ocasionar nma revolução no fabrico, e de facto a produziu: porém n'esta obra a Historia natural da cana não está fóra de controversia; a classificação d'estes vegetaes não é Botanica, a parte chimica é em geral fraca; e algumas das cousas excellentes n'aquelle tempo pelo progresso das sciencias, tem, em parte, tornado-se já intteis, já mesmo nocivas, taes são os tanques de deposito e de decantação. Era pois tempo de harmonisar o espirito do *fazendeiro do Brasil* com as exigencias da epocha. O Sr. Calmon emprehende este penoso trabalho.

N'esta obra sob o modesto titulo de *Ensaio* depara-se uma lição vastissima.

O estylo parece-nos o mais conveniente a taes obras.

Em toda ella brilha um nobre desejo de dar a conhecer o nome dos que por qualquer maneira tem concorrido ao progresso da agricultura.

N'ella o Auctor deixa ver a sua justa desconfiança dos extravagantes elogios dados a certos vasos, ou processos.

Esta obra divide-se em tres partes; introdução, corpo da obra, e appendix. Na introdução o Auctor mostra a necessidade d'uma educação especial para agricultura; e o quanto sejam indispensaveis escolas onde se receba esta educação: busca infundir o amor das sociedades industriaes, como um dos elementos da vitalidade da industria: lembra ao governo a criação de escolas practicas a instar das que em outros paizes se tem fundado.

No corpo da obra expõe o Auctor uma serie de principios preciosissimos; e depois a fabricação do assucar. No appendix uma curiosa interessante statistica das fabricas da Bahia.

Entretanto esta obra não tem deixado de ser censurada em algumas de suas partes. Examinemos o peso da censura.

A primeira versa sobre a opposição que o Auctor faz ás colonias. Esta recriminação é justa, mas vê-se que o Sr. Calmon procurou attrahir a si os proprietarios para melhor tractar dos interesses da agronomia, e da moral; e si o Deputado leva a fim a nobre, e ardua empresa da colonisação, a posteridade coroará os resultados, e prodigalisará elogios á innocencia e fineza dos meios.

A segunda recai sobre a plautação da mandioca como regra muito geral, não reconhecendo como autoridades as quo o Auctor apresenta, sustentando ter o principio de economia industrial a devida applicação, por isso que existe fabricação, e operações diversas se executem. Nós encaramos esta parte da obra d'outra maneira; entretanto diremos que, si a regra é muito geral, não é meos verdade que os fazendeiros, que longe habitam dos mercados e dos farinhaes, devem plantar a mandioca.

O que nós vimos n'esta parte da obra foi alguma cousa de grande e de philosophico. O Auctor quiz atacar a desesliza que tem alguns fazendeiros por outros trabalhos; o estado de isolacão em que se acham, a nenhuma attenção que dão aos farinhaes contra os interesses de ambos, perpetuando-se assim a mutua desconfiança e conservando-se a dureza dos costumes, quando de uma franca união e respeito reciproco resultariam, além dos proprios interesses, força na agricultura, novos e fortes apoios para a moral.

A terceira se exerce sobre a analyse: certo ella não é completa, a clarificação não é operação facil; porém, perguntaremos onde existe uma boa analyse? Nós não tememos dizer que todas são incompletas, algumas falsas, ou implicam contradicção, e verdadeiramente analyses só existem duas, a de Dutrône e a de Proust. O *Manual do refinador e fabricante*, relatando as opiniões dos diferentes chimicos sobre a maneira de obrar da cal, e por consequencia sobre a composição do succo, calumnia a Daniel. M. Orfila dando a composição do succo, não só não dá completa, mas confunde a fecula verde com a albumina. No meio d'esta confusão o autor adoptou a analyse de Dutrône que tem por si a opinião de muitos chimicos, e uma vez adoptada esta analyse, o autor devia achar a clarificação uma operação facil.

A quarta pesa sobre a cosida. Nós tambem não partilhámos a opinião do autor, quando diz que a cosida se deve fazer a 110 grãos Reamur, em nossa opinião ella deve ser a 110 grãos centigrados, porém o autor tem por si até certo ponto as experiencias do Wilson. Vê-se pois que, apesar das grandes difficuldades que tinha a vencer o Sr. Calmon, só se lhe dirigem quatro ata-ques, dos quaes, em dous elle incorreo por effeito de nobres e generosas ideias, e dous outros baseia em experiencias. Nós temos de sentir que o autor não tratasse amplamente da cultura da cana, e que occupando-se dos carros não combatesse com vigor os existentes, e não atacasse a terrivel e ruinosa maneira de cangar os bois. Acabamos este trabalho recomendando aos fazendeiros, com especialidade aos grandes fazendeiros e creadores, a leitura do *Ensaio*. A. C.

EXTERIOR.

ORDEN EUROPEA.

Para occultarem-se os máos projectos que vergonhoso fôra confessar, nada ha mais facil que inventar novas palavras.

Nós vimos crear-se a *Santa Alliança*, sem que jámais podessemos comprehender em que ella era santa, por quanto se compunha ella de Reis de diferentes religiões; mas facilmente comprehendemos, que debaixo de uma tal denominação, se reuniam as grandes Potencias contra a liberdade dos povos, e contra a independencia das Potencias secundarias: testemunhas sejam as operações da Dieta de Francfort.

A Alliança foi declarada *Santa* para lisongear o mysticismo do Imperador Alexandre. Depois de sua morte deixou-se cahir este epitheto, que tão ridiculo se tinha tornado; porém, para continuar os mesmos projectos, creou-se outra palavra: a *ordem Europea*. É para manter a ordem Europea que os grandes Reis se colligaram desde sete annos contra a liberdade dos povos, e independencia dos pequenos Reis.

O que é pois a ordem Europea? Ninguém a poderá definir. Não é certamente uma instituição, cujas condições se conheçam, e que repouse sobre a similitude de interesses; e a prova disto se acha na multiplicitade dos protocolos da conferencia de Londres. As revoluções ali variavam sem cessar, positivamente porque se procurava uma decisão commun, onde aquelles que pronuciavam, tinham interesses tão oppostos.

Depois da invenção da ordem Europea, a Europa não tem um soldado de menos debaixo de armas. Ao contrario não se evitam as ruinosas despesas da guerra, poupam-se sómente as alternativas de perigos e de gloria, sem que se dê segurança alguma para o futuro. Os Reis, reduzindo-se a grande custo ao papel de *recors*, só ameaçam medidas coercitivas, expressão nova em politica, e extranha debaixo das relações do *Direito publico*, pois que as mesmas Potencias que, de propria autoridade se fazem juizes do que se passa fóra de seus limites, se encarregam de executar os decretos que ellas pronuciavam.

Os Reis queriam conservar o *statu quo* desde o dia em que juntos triumpharam; o que prova que elles folgam com o papel que voluntariamente representam. Conco-

be-se que elles não amem as revoluções. Mas por uma irregular contradicção, quando os povos se libertam do seo jugo, os Reis se apresentam, não para restabelecer o *statu quo* violado, mas para consagrar o que elles olham como uma revolta, e se encarregam de dar um chefe aos povos revolucionados.

Eis o que vimos praticar-se com a Grecia e com a Belgica, donde resulta de facto, que o que se chama ordem Europea não tem o poder de impedir as revoluções, mas de se apoderar d'ellas quando arrebeutam, e depois de reduzi-las á Monarchias á todo o custo.

A ordem Europea marcha com uma extrema lentidão a este resultado, primeiro, porque ella espera que os povos cahidos em revoluções, se fiquem, e acabem por receber de novo o quebrado jugo; segundo, porque a ordem Europea quando sinceramente trabalha, acha um grande desacordo nos interesses dos membros que a compoem, e que demanda tempo para se accordarem.

Em quanto, porém, os Diplomatas delibherarem, o mundo marcha sempre, e acontece iguamaes vezes que as situações politicas sobre as quaes tantas phrases se expedem, cessam de existir, quando se determina consagral-as.

Quanto tempo não foi preciso á ordem Europea para tomar debaixo de sua protecção a causa dos Gregos; para decidir a Porta Ottomaná a reconhecer sua independencia, para marcar as fronteiras, e achar em fim um Rei menor, estrangeiro, do qual elles deviam tudo esperar, excepto a Liberdade!

Quando tão penoso trabalho terminou-se, vio-se que o Vice-Rei do Egypto collocado fóra da ordem Europea, bastante ambicioso para ser hypocrita; fez a guerra ao Imperador de Constantinopla, como em outro tempo se fazia a seus riscos e perigos; que elle desenvolveo coragem e habilidade, e que elle se acha tão bem, que quer continuar até que derrube esse suberbo Imperador ante o qual se prostrava outr'ora a Diplomacia da ordem Europea para obter algumas brachas de terra destinadas a arredondar a pequena Monarchia Grega. O Imperio Turco por sua vez pede mercê; elle implora intervenção da ordem Europea, que empregará provavelmente mais tempo para se fazer *ordem Africana* e *Asiatica*, do que é preciso ao Vice-Rei do Egypto para chegar ao fim que elle tem marcado.

Grandes potencias, fazei pois projectos para suspender o movimento que arrasta o mundo!

Quem ousaria affirmar que o Vice-Rei do Egypto teria concebido tão hardida empreza, si não tivesse visto a ordem Europea reduzida a entreter dous milhões de soldados para guardar os povos, e preparar uma conflagração geral, na falsa pretensão de fazer marchar juntos interesses que se repellem?

Si da Grecia passamos á Belgica, nós acharemos as mesmas pretensões, sempre produzidas pelas mesmas causas; a vontade das grandes Potencias, de governar, segundo suas conveniencias contradictorias. Nações independentes, e o vão desejo de manter a paz com medidas coercitivas, e nunca como satisfação progressiva.

Tal é a ordem Europea!

(*Newelliste.*)